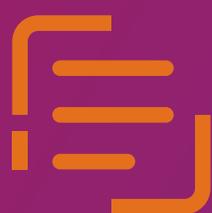


O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de
Conflito,
Resistências e Luta
pela Demarcação
de suas Terras.

9



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



Participantes da Oficina de Mapas realizada na sede da aldeia entre os dias 21, 22 e 23 de Outubro de 2016 (Joze Mura, Joabe Mura, Ana Mura, Ester Mura, Nelson Mura, Raimunda Mura, Nilce Mura, Ane Mura, Cassiane Mura, Thiago Mura, Gabriel Mura, Natália Mura, Natan Mura, Kauê Mura, João Mura, Julia Mura, Raimunda Mura, Ana Claudia Mura, Beatriz Mura e Lucineide Mura).

CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia de Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ: Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

Laboratório de Cartografia Social de Humaitá-AM

Coord: Prof. Jordeanes do Nascimento Araújo

EQUIPE DE PESQUISA

Prof. Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA/UFAM-IEAA)
Prof.ª Eulina Maria Leite Nogueira (UFAM - IEAA - NEABI)
Marínez dos Santos de Paula (UFAM-IEAA)
Rafaela Vieira Guacebe (UFAM-IEAA)
Matheus Pinto de Souza (UEA – Núcleo de Ensino Superior de Humaitá)
Iremar Antônio Ferreira.
Marcia Mura.

Edição

Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA/UFAM-IEAA)
Matheus Pinto de Souza (UEA – Núcleo de Ensino Superior de Humaitá).
Suellen Andrade Barroso (Polis/UFAM)

Cartografia

Carolina Bertolini

Ficha Catalográfica

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências – O Povo Mura do Rio Itaparanã: situações de conflito, resistência e luta pela demarcação de terras – N. 9. Coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Cynthia de Carvalho Martins. – Manaus: UEA Edições, 2017.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN: 2525-9598

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Resistência. 4. Demarcação de Terras I. Título.

CDU: 528.9:912

Fotografias

Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA/UFAM-IEAA)
Matheus Pinto de Souza (UEA – Núcleo de Ensino Superior de Humaitá)

Equipe de levantamento de GPS

Matheus/ Jordeanes/ Joabe/ Iremar.

Projeto Gráfico

Philipe Teixeira

1. A História Passada de Geração para Geração.

Nós Mura, segundo conta o meu pai, que meu avô contava pra ele e meu bisavô. A gente era originário daqui do Madeira mesmo, do rio Juarí, da região de Manicoré. Ai com a invasão dos espanhóis no sul do Amazonas houve a quase dizimação do povo Mura que morava na Bacia do alto Madeira, ai meu bisavô migrou pro rio Solimões que hoje é onde tem uma concentração grande de Mura ainda e de lá pro Rio Purus entrando para o rio Itaparanã que hoje é onde a gente mora e tem outros parentes nossos também que moram no rio Juarí, região de Manicoré.



Nelson Mura - cacique da aldeia

Mas nossa experiência de vida assim foi... A gente cresceu meio na civilização não indígena, a gente não morávamos na aldeia, assim como aconteceu com a maioria dos povos indígenas eles se repartiram, foram cada um pra um lugar, tanto que as comunidades indígenas Mura de hoje elas são muito pequenas as terras indígenas, porque elas se repartiram muito, ocuparam uma região bem grande né, mas naquela época ocupavam por aldeias né, hoje não são grupos pequenos é como nosso grupo lá que é de oito famílias né. E ai a gente cresceu meio na da sociedade emergente assim não conhecendo muito a nossa cultura, as nossas tradições, isso a gente conhecia pelo que meu avô, meu pai contava, que meu avô contava pra ele dos rituais e como fazia os rituais que meu bisavô era pajé ai os rituais a gente cresceu sabendo. Inclusive, quando eu era pequeno assim, tinha um ritual que a gente praticava que era chamado ritual Gurgel, era tipo uma punição as crianças que eram desobedientes e parou acho que há uns 15 anos que pararam de ser feito esse ritual, era o terror das crianças.

Joabe Mura

Meu pai, ele era do Madeira, porque ele falava né, que ele nem sabia onde era Madeira, ele falava Baixo Amazonas, conhecido como Baixo Amazonas, porque tinha sido do tempo que o pessoal vinha pra cá, em 1914, as coisas dos povos indígenas, seringueiros, 1914/1915, eu lembro porque me deram um documento, me deram um papel quando começou o ultimo massacre, mais eu não sabia não, meu pai também não contava, só contava que tinha tido uma revolução do povo que tinha chegado né, eu não sabia disso, só soube por causa do documento que eu tenho, que me deram, que o pessoal me deu, ai eu fiquei lendo, ai que eu fiquei sabendo que houve a briga, que o povo Mura tinha sido massacrado.

Meu pai é pescador, ai nós viemos, minha mãe veio, a mamãe é sepultada mesmo na praça de Tapauá, na cidade, nesse tempo era um cemitério lá, ela foi sepultada lá, a minha avó botava lá um estirão, umas duas, três horas de viagem, que chama Enseada do Membé, lá é outro cemitério, lá minha avó foi sepultada. Cá embaixo, o Parati, outro seringal né, meu pai trabalhava de pescador né, daí tinha um lago, nós ficava bom lá. Aqui é princípio de Canutama, aqui era Canutama, tudo era Canutama, hoje em dia tem o município de Tapauá, agora meu pai tem uma irmã dele lá no Surara, lá perto do Berurí, eu quero conhecer essa tia.

Meu bisavô era pajé, e minha avó ela trabalhava também, minha avó era curandeira, curava, fazia remédio, mais ela nunca invocava, mais o velho invocava, o velho, meu pai dizia que ele mexia com as nuvens, e com a mata também, com a agua também, ele lutava forte.

Nelson Mura – Paje da Aldeia Itaparanã

2. Preconceito e Desrespeito às Tradições Mura.

Meu nome é Radassa, sou esposa o Akaná Mura, a gente mora na aldeia Itaparanã, km 90, Br 230, e a uns meses atrás, teve um conflito aqui na nossa aldeia, nós estávamos reunidos, eu e duas cunhadas minha e as crianças da aldeia, estávamos em três adultos e as crianças e adolescentes, nós estávamos reunidos agradecendo a Anamantuiki, que a gente faz isso todos os dias, pela manhã, seis horas da manhã e seis horas da tarde, ai quando foi nesse dia as

seis horas da tarde a gente tava reunido então chegou, passaram três viaturas, três carros sentido Lábrea ai não deu cinco minutos voltou os três carros, e entraram na aldeia e quando saiu, saiu um policial com a arma na mão, uma metralhadora e mais, na verdade eram cinco, seis policiais civil, sendo dois deles delegados e quatro policial civil, então um dos delegados chegou abordando né, invadindo mesmo o nosso momento ali cultural que a gente tava agradecendo a Anamantuiki, então ele perguntou onde que tavam as covas, onde a gente enterrava as pessoas que a gente matava, ai a gente ficou surpresa, né, que cova? Que morto? Não tou entendendo nada, ai ele falou, o delegado Marcus Rezende, agora vocês querem dar uma de desentendidos, ai enquanto ele tava falando os outros policiais invadiram a aldeia, entravam por onde dava pra entrar, na mata, então a gente tem um local onde a gente cavou um buraco né pra gente, e tá aberto lá o buraco, pra gente fazer assado não tem? Em momentos culturais, quando



Oficina de mapas sociais

a gente mata uma caça grande tipo uma anta, pra assar ela inteira, o buraco é pra gente fazer o fogo dentro e assar, e ai quando um dos policiais vieram disseram assim, achamos a cova, ai que cova? A gente perguntou, não estávamos entendendo nada né que a gente num tava no negócio de cova, não sabia de nada, ai ele disse assim, a gente achou ali um buraco, ai tá, se vocês acharam a gente quer ver oque que tem enterrado ai que até então eu não tou sabendo disso. Não o que a gente precisava a gente encontrou, pegamos em flagrante, eu falei tá então, ai eles falaram que nunca viram esse negócio de assar uma anta inteira, ainda ficaram até debochando assim da minha cara, porque nesse momento era eu que tava falando com ele o delegado Marcus Rezende, ele falava pro outro policial, ah, então a gente precisa vim aqui, porque eu nunca tinha visto um negócio desse, assar um animal assim inteiro, comer anta assada, bem assim, ele falava mais debochando, com ar de deboche, o outro delegado ele tava junto né, ai mais, em todo momento assim eu não percebi nenhuma afronta dele, na verdade de nenhum dos outros policiais nem do outro delegado, na verdade quem afrontou mesmo foi o Marcus Rezende, em todo momento e eu achei afronta também quando o policial chegou, que ele tava com a arma na mão, assim, segurando e apontando pra baixo mais tava né? Então eu achei uma afronta. As crianças estavam muito assustadas, até hoje a minha filha quando vê, meus filhos, quando vem um carro sem ser da polícia mesmo, se entra algum carro aqui que a gente não tá esperando eles já ficam muitos assustados, muito assustados mesmo já ficam querendo chorar: policia! Policia! Mãe, quem é? quem é? Muito assustados e meu Deus do céu isso daí traz uma coisa muito ruim.

Ai ele disse assim, então quer dizer que vocês são índios? Ai eu falei, nós somos indígenas, aqui vocês estão dentro de uma aldeia, ai ele disse bem assim, índio, índio, não é índio aqui não, eu falei vocês estão dentro do nosso território, na nossa casa, na nossa aldeia e ainda querem dizer que nós não somo o que somos? Falei pra ele, Marcus Rezende, ai ele falou assim, você é índia? Eu falei: não, meu esposo é índio, meus filhos são índios aqui é uma aldeia, só eu não sou indígena aqui, mas sou casada com ele ha dezessete anos, ai ele falou: Ah eu não sabia disso não, ai eu falei, pois é, tá faltando informação pra vocês, que pra entrar aqui teria um pouco mais de argumento, estávamos usando véu, pelo um propósito que a



Almoço coletivo Mura

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

gente fez com Anamantuiki, né, de purificação. Então não era permitido as pessoas pegarem na nossa cabeça né, então o delegado levou a mão pra puxar o véu da cabeça da minha filha, e na hora que ele levou a mão, ela com muito medo, muito temor né, porque não entende nada né, ai ela tirou o véu né, ai a gente não podia tirar o véu, então foi pra nós assim e pra Anamantuiki foi muito grave isso, e tem consequências né? ele fez ela tirar o véu, o que tem na tua cabeça? Ai ele levou a mão pra tirar, pra ele tirar o véu dela, ai ela: nada! Ai ela mesmo tirou o véu, e ai eles chegaram tão assim pressionando a gente né, e a gente não esperando e as lideranças mais fortes que tinham era o Akaná e Metiê, e o cacique e eles não estavam e então a gente ficou mais pressionada, mais sem saber o que fazer né, e ai a gente também nervosa, eu não fiquei, mas as crianças, os adolescentes ficaram com muito medo, muito nervosos, ai eu falei, mais a gente não tá fazendo nada né, então não tem por que ficar com medo, creio que foi por isso que eu não fiquei nervosa.

Ai eles falaram “vocês vão ter que ir para a delegacia, prestar depoimento e o conselho vai ter que ouvir as crianças, porque a denúncia era de maus tratos das crianças”, ele falou que foi a igreja. Lá na delegacia fomos ouvidos, então, até então o meu filho mais velho tava na cidade Humaitá, ele tem dezesseis anos, tinha dezesseis anos, e ai quando chegou na delegacia, a gente chegou né, na delegacia por volta de umas dez horas da noite, ou era nove, de noite, quando foi pra sair daqui eles falaram: todos vão pra delegacia, ai eu falei: por que? O que que a gente tá fazendo? Ai eles falaram: não, vai todo mundo pra delegacia prestar depoimento, e depois vão retornar. Ai eu falei assim: é preciso a gente levar alguma coisa? Não, a gente vai pegar o depoimento de vocês e trazer vocês de volta, tipo eu entendi que a gente ia prestar depoimento, mesmo momento que terminasse o depoimento eles iam trazer a gente de volta, a gente tava cheio de serviço assim dentro de casa não, tem um monte de roupa no varal, molhada, ai fumo embora, pegamos as crianças do jeito que tavam e eles com pressa, com pressa, tomou o celular da mão da minha filha o meu, o Marcus Rezende, falou “Quem tem celular? Tu tem celular?” pra mim né e eu tinha dado meu celular pra minha filha aqui já, ai eu falei que não, eu não tinha não, tu tem sim, tu tem celular sim, cadê o teu celular? Aí falei, eu

dei pra minha filha, tá com ela, Pega o celular, Agora, ela tava com o celular que ela não para mesmo, ela gosta de ficar ouvindo louvor, hino né, e ai pegou o celular da mão dela, e então ele pegou mais o outro celular, de uma pessoa daqui, a Rebeca também pegou assim, pediu e pegou o celular, ai então eu falei e perguntei se eles precisavam levar alguma coisa de roupa, de alimento né, Não!



Aí chegaram lá, e colocaram na delegacia, ficamos lá na delegacia na civil, e ai eles mandaram entrar as crianças, de quatro anos, duas crianças de quatro anos, sem o acompanhamento de adultos, pra impressionar né, falaram para as crianças lá pra falar com os conselheiros tutelar, ai conversaram lá com as crianças e depois chamaram a minha filha adolescente de catorze anos e o meu filho de treze, também sem o acompanhamento dos pais, nem adultos, conversaram com eles, e ai então, já era umas dez horas, onze horas da noite, até então, eles já perguntaram, tu tem alguém, tu tem um filho que tá aqui na cidade né, eu falei: Tenho! Ele ta com quem? Ele ta com o avô dele, na casa do avô dele, onde é a casa do avô dele? Eu falei onde que era né, ai eles foram lá, ai chegando lá, ele não tava em casa, era dez hora, ai ele falou assim: ele não tava em casa, ai eu falei assim, se ele não tiver em casa ele tá na casa da minha mãe, que é avó dele também, ai ele disse assim, onde que é a casa da tua mãe, ai eu falei onde era, ai eles falaram vamos lá, porque é difícil de achar né o endereço é difícil, ai eu entrei no carro e fui lá, ai quando eu cheguei lá ele tava jantando, ai eu fiquei dentro do carro, porque se ele visse eu no carro da polícia ele ia ficar assustado também né, ai o policial saiu e foi lá com ele, ai ele tava jantando e daí o policial falou assim: vamos lá na delegacia, a gente queria conversar contigo um

pouquinho, ai ele falou assim, o que que foi que aconteceu? Ai ele falou, o policial falou: é que a gente quer conversar contigo um pouco lá na delegacia, tomar teu depoimento, ai ele falou assim: Não! Eu posso levar algum adulto, que eu sou menor de idade, ai ele falou assim: Não, tua mãe ta lá no carro, eu falei assim, que não era pra eles falarem alto que eu não queria que minha mãe percebesse porque ela tem problema de saúde, e se ela se preocupar ela pode ter um enfarto, então eles falaram assim: ai mandaram que ele viesse pro carro que eu tava esperando no carro e ai ele já ficou nervoso né, que a gente nunca teve um envolvimento assim, então ele entrou no carro e ai ele já pegou o celular do meu filho também, pegou o celular, e ai começou, a... o que ele vai falar também, já levou ele pra delegacia, junto comigo né, ai chegando lá, Marcus Rezende pegou ele e levou pra uma sala, sem eu e sem nenhum outro adulto, falou que eu não podia entrar, então ele entrou sozinho na sala, um adolescente e lá eles começaram a pressionar ele, falaram coisas, barbaridade, falaram palavreados pornográficos insinuações pornográficas, que ele ficou muito revoltado com isso ,ele tem uma revolta muito grande com isso ,e isso ai prejudicou muito ele como adolescente com uma visão dessa né, até então ele não tinha essa, policia ne ou qualquer outra função de emprego era tanto fazia, mas hoje ele tem uma visão diferente da polícia porque até então ele não tinha cometido nenhum crime pra ta na delegacia né da forma que foi, e ai então já era umas onze horas da noite e ai a gente saiu daqui umas sete horas né, umas sete horas umas sete e pouco sem jantar porque a nossa janta é umas sete horas umas sete, sete e meia aqui tem horário pra tudo pra levantar, pra tomar café, pra tudo tem um horário e ai já era dez horas e as crianças não tinham comido nada né sem roupa ai eu peguei e falei: oque que é maus tratos? Perguntei pra mulher lá do Conselho Tutelar é você tá dentro da sua casa tendo seus horários pra comer, pra dormir né suas crianças tá lá nessa hora nossas crianças estava tudo dormindo sossegada e aqui as crianças tão sem comida, sem roupas, jogados numa delegacia isso aqui que bons tratos pra vocês? Eu falei pra mulher do conselho tutelar eu falei eu quero comida para as crianças pelo menos eu quero fralda porque lá em casa a gente tem de estoque de fraldas descartável e a gente tem mesmo, até agora graças a Deus,

então ela disse assim: ah a gente vai ver o que a gente pode fazer , eu falei ver o que pode fazer não , vocês tem que arcar com as consequências nós estávamos dentro da nossa casa né então agora que vocês trouxeram arquem com as consequências que até então meu filho estava dentro daquela sala eu já estava mesmo pra invadir aquele negócio ali mas eu falei assim: tudo que está acontecendo é com a permissão de Anamantuiki então vou deixar que aqui Ele haja, a gente tem que ter um alto controle muito forte nessa hora porque quando se trata de um filho né. E as crianças estão sem roupa aqui porque não deixaram a gente pegar roupa, para as crianças, então a gente precisa voltar, e alimento também, a gente vai ver ali se a gente compra um leite, uma fralda, ai lá foi ela, já tinha terminado as entrevistas com as crianças, isso já era meia noite, vocês esperam aqui na frente de delegacia, que a gente vi ali ver se a gente compra alguma coisa, dá um jeito né, ai ela veio com um pacotinho de leite de 250 grama, e um pacotinho de massa Nutribom, e um pacote de fralda descartável pequeno, a gente conseguiu só isso daqui, ai a gente ficou esperando na frente da delegacia né, a gente não tem transporte lá, não tinha onde ficar, ai quem que vai levar nós em algum lugar, a gente vai ficar aqui na delegacia? Eu falei, ai eles falaram assim. Não! vocês não tem lugar pra ficar aqui não, tem a nossa casa, lá onde vocês pegaram a gente, Ah mais já tá muito tarde pra gente ir, não sei o que, pra ir agora, e vocês precisam da entrevista, dá o depoimento de vocês, eu a Rebeca e a Vitória, né, as três adultas, ai vocês vem amanhã de manhã, que a gente vai tomar o depoimento de vocês, isso era numa sexta, pra gente voltar lá na segunda, de manhã, ai eu falei: Mais como? É final de semana, como a gente vai ficar aqui sem dinheiro? Sem roupa? Né, e ai eles não falaram nada, a gente tinha que se virar, né, do jeito que tinha, que quisesse, do jeito que desse, e ai então o meu sogro tem uma casinha lá, de três metros por cinco, três por quatro parece não sei, é pequenininha, e a gente tava em muitas pessoas, não sei se era nove, ou era quatorze pessoas, depois a gente conta ai e pega direitinho, ai ficou todos nós, eles ainda queriam que a gente fosse, desse um jeito de ir, o teu cunhado ta ai de carro, falaram pra mim né, ele leva vocês lá, eu falei: Negativo, quem vai levar nós é vocês, meu cunhado não vai levar nós em nenhum lugar não, eu sei

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

que ele tem condições, ta de carro, ta de moto mais não vai levar não, quem vai levar é vocês, vocês que pegaram nós, vocês que vão fornecer alimentação, estadia tudo, nós não estamos cometendo crime nenhum, então, isso quando a gente falava assim, daí então a gente não via mais o Marcus Rezende so ficava pelos bastidores ai, ai só falava com os outros, e os outros, eles tinham parece que só faziam o que ele tava mandando, lá de traz, trazia só recado, então o Teotonio falou assim, ai foram levar nós, na casinha do meu sogro lá, e lá só misericórdia, pequenininho, sem colchão, sem rede, sem nada, sem lençol, ai as crianças, eu sei que a gente passou um sofrimento lá, que quando a gente vai planejado né, com dinheirinho, tem como, leva roupas, leva rede né, ai é diferente, mais ai a gente não tava esperando, e ai então eles falaram que segunda feira era pra gente ir na delegacia, ai tá, tá bom então, segunda feira a gente vai, segunda feira nós estávamos lá, no horário marcado, eu, minhas duas cunhadas, Rebeca e a Vitória, e ai não apareceu Marcus Rezende, a gente acionou a FUNAI né, nesse mesmo dia, a gente deu o numero que já era de noite, já tava fora do horário de serviço né, ai a gente só falou do Marcus Rezende que deu o telefone do coordenador da FUNAI né, então ele ligou pra ele e ele falou que conhecia e que aqui era aldeia mesmo, mas ele não compareceu, e depois então ele se



Criação coletiva do mapa social.

envolveu né, depois de segunda feira, que era pra gente ir, e ai ele foi lá na delegacia, com nós, segunda feira, mas não apareceu Marcus Rezende, falou que se a gente quisesse vir embora né, podia vim, não sei o que, já estava diferente, já era outra conversa, e eu falei: eu não estou entendendo nada, como é que a gente vai embora se a gente não tem dinheiro pra gente retornar pra aldeia, tem que pagar frete, nós não tem carro próprio, ai tá, a gente saiu né, a gente saiu de lá e ficou meio assim, a gente nem deu depoimento, ficamos angustiada assim, sem saber, sem entender, ai o delegado Teotônio estava la com o carro dele e ia saindo também, e nós íamos seguir a pé, eu

e a minha cunhada que estava com um bebezinho de colo, ai ele disse assim, vocês estão a pé, eu falei: Estamos! Nós estamos a pé. _ Onde vocês ficam? Lá onde vocês deixaram nós, lá perto do cemitério, que lá da civil é, até o cemitério novo é longe né? Aí ele falou assim, se vocês quiserem eu posso levar vocês na casa de vocês, ai tá bom. A gente entrou, ai levou a gente. Aí ele todo tempo desse jeito mesmo né, e se ele agiu assim de má fé, mas ele não demonstrava, todo tempo com educação, fazendo o trabalho, mas com educação, diferente do Marcus Rezende, parece que a vontade do Marcus Rezende era pegar a gente com a própria mão dele e esmagar sabe, mais ai, ele levou nós em casa, ai pronto, ai acabou. Não perguntaram mais nada, não falaram mais nada, ai eles levaram a gente né, de noite, quando foi no outro dia cedo, vieram tres policiais aqui, não tinha ninguém em casa, a gente tinha trancado a casa, não sei se foi dois ou tres policiais, arrombaram, entraram, levaram vários pertences nossos, levaram a espingarda né, que a gente usa pra nossa caça, de alimentação, levaram uma arma de pescar, de flecha né, de pescar, levaram GPS, levaram várias coisinhas né, que a gente tinha aqui, ai a gente já tem anotado tudo que eles levaram, rebolaram as coisas nossas, roupas, esses negócios, produtos pessoais, deixaram tudo bagunçado, a gente tem fotos, aí no outro dia, dois dias depois, que a gente ficou sabendo que eles tinham vindo aqui, veio uma liderança, veio aqui, ai tirou foto do jeito que eles deixaram, arrombaram porque nós tinha trancado, levado a chave, a chave estava com nós, então eles entraram e arrombaram né, tudo jogado, as roupas, maior patifeiro mesmo, como é que pode, se a polícia é pra proteger né, mas... A FUNAI até hoje defende a gente né, levou o caso para o Ministério Público, o coordenador da FUNAI conversou com o Marcus Rezende, ele até ameaça, não sei o que ele fez, que ele também usa ameaça contra o coordenador da FUNAI, e então o meu esposo, o Akanã, ele responde um processo também na delegacia, e quase sempre, todas as vezes que o

coordenador vai lá né, (porque quem vai lá agora é a FUNAI, não é nós) e pergunta como é que tá, ai ele fala assim, se ele não parar com isso ele vai é preso junto com meu esposo, ai ele fica meio que com medo, o coordenador né, se ele não parasse com isso ele ia ser preso junto com meu esposo, porque a gente queria né, nosso celular, eles não devolveram, tá lá ainda, nenhum pertence que foi levado eles devolveram, nenhum nada que foi levado foi devolvido, então na última vez que ele foi lá né, o coordenador da FUNAI, ele falou, se ele não parasse, de estar pressionando eles lá, ele ia era ser preso junto com Akanã, ai ele fica é com receio né, quando a polícia veio aqui, já foram logo: cadê Joabe? E cadê a Josi? Quem é a Metiê, e ai eles não tavam não, e eu tinha sonhado que a polícia vinha aqui, é a revelação né, que a gente tem, eu tenho mais através de sonhos, revelações, visão, então eu tinha tido uma visão muito forte, eu sonhava que a polícia chegava aqui e perguntava por ele né, pelo Akanã, e eu falava que ele não estava, que ele tinha viajado, então ele disse, já que ele não está, é tu que vai.



Criação coletiva do mapa social das crianças Mura

E mandava eu esticar minha mão, pra colocar a algema, mais ai não foi o caso da algema né, no físico, mas que no espiritual foi assim que aconteceu né, ai quando eles chegaram assim, que eu vi o carro da polícia chegando, da polícia não né, que eles vieram disfarçado, quando eles perguntaram por ele, e por ela que eles não estavam, ai voltou o sonho todinho na minha cabeça, ai eu falei, quando eles viajaram né, eu falei assim: A polícia vai vim aqui, e a polícia vai levar nós, e era muito forte quando vinha assim, eles falaram que era muita denúncia,

que eles não aguentavam mais, então foi por isso que eles vieram, ai eu falei, então porque vocês não montaram acampamento pra vocês investigarem, ai vocês iam ver o que quisessem, o que realmente acontece, e o Ministério Público Federal está por dentro de tudo, a igreja já está se rendendo, porque foi... a gente não tem nem um pouquinho de receio, quanto a nada do que a gente fez e tá fazendo porque, é justiça né, é crime tudo o que eles fizeram, nós somos indígenas, nós temos a nossa cultura, crença, é livre, cada um tem o seu, a gente perguntou pelo mandato né, e eles falaram que não precisavam de mandato, porque eles tinham pegado em flagrante, mais o que que é flagrante? Porque vocês chegaram nós estávamos aqui na frente, cantando, e nós perguntamos o que é flagrante pra vocês? O crime que nós cometemos foi estar aqui reunidos? Cantando e louvando? Mais eu não me calei nem um pouquinho pra aquele Marcus Rezende, ele foi muito grosso, muito estúpido, falta de sabedoria, totalmente aquele homem não tem, eles não pensavam que era pequenininho assim, sabe, pegar, levar, abusar do jeito que foi abuso né, colocar as crianças em uma sala, sem o acompanhamento de um adulto, e então, eles pensavam que iam ficar por isso mesmo, mais não, eles não sabe né, a igreja já está tentando se aproximar, mais isso também porque eles receberam intimação pra prestar esclarecimento né, mas duas vezes eles receberam e não se compareceram, a igreja não se compareceu, e na terceira vez, que o ministério público mandar, se não for vai preso, se não for né, ai a polícia federal vai buscar, então já é com eles lá, continua sendo o mesmo pastor daquela época, e ai a gente, hoje em dia até o carro de IBAMA, assim, esse negócio que aparece assim, eles já ficam assustados, principalmente os meus que já são maiores, que eles são adolescentes já, ai eles viram tudo acontecer, a minha filha mau Deus do céu, tá traumatizada, na verdade, foi os três, porque o que aconteceu com o menino meu lá no Humaitá, ai os colegas né, é difícil, foi muito difícil pra ele, em saber que ele nunca fez assim né, as coisas erradas pra tá na delegacia, ai do nada a minha família, meus pais e familiares ficaram muito revoltados com isso também, a minha sogra, meu Deus, mais a gente, tem a certeza e tem a convicção de que nós não

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras



cometemos crime nenhum né, e que tudo vai se resolver, e quando a gente ver que tá parado a gente vai lá e cutuca, porque nós não cometemos crime, pagamos por uma coisa, consequências graves né porque só de um adolescente, uma criança ficar com trauma desses que eles tem é uma consequência muito grave.

3. Cosmologia Mura, Raízes Culturais e Espirituais.



Espiritualidade Mura

Nossa cultura e espiritualidades, assim, nós mesmo através desses que nós temos falado né através de Athinmarrachi (o espírito, o espírito), Anamantuiki (Deus supremo) e aí é a gente tá tendo um contato diferente com esse local assim uma espiritualidade muito grande que a gente sente, as arvores, a gente sente a água, a gente sente a terra né, coisa que a gente não sentia antes, então assim, esse contato que a gente tem com a natureza, a gente nunca teve, antes não se manifestava, porque a gente não sentia? Porque a gente não valorizava, porque como é a gente teve muito contato né com a civilização, é a gente teve uma resistência muito grande né, de ser tratado mesmo como Indígena, usando essa espiritualidade e tudo né e assim a gente tinha

uma visão muito distorcida da espiritualidade, de Deus né, que a gente chegou até ter contato com denominações, igreja assim que falava sobre Deus né, assim Deus como só tivesse naquele lugar, se a gente não participasse daquele local então a gente era pessoas condenadas né então passou um tempo assim que a gente decidiu buscar a nossa própria espiritualidade né e conhecer Deus né, é claro que a gente tem a base do cristianismo ainda né que através da bíblia, e tem muitas coisas assim que a gente concorda né, então assim, mais a gente quer a nossa experiência porque assim, lá na bíblia fala sobre os judeus né, os gentios, fala sobre Roma, fala sobre toda essa época antiga a bíblia retrata, que ela é dividida em duas partes né, novo testamento e o antigo testamento, então assim, a gente não deixa de acreditar, mais aquela foi a experiência deles que eles tiveram com Deus, e aí a gente busca a nossa experiência com Deus através da nossa cultura né, e então a gente pensa em difundir né, essa espiritualidade e o nosso objetivo é ir muito além né, porque assim, a gente acredita que diante de Anamantuiki tudo é possível, a gente acredita né e a nossa fé ela tem só aumentado nesse lugar né, tanto é que quando vocês falam qualquer coisa, que no espiritualismo não sente, a gente fica quieto porque são coisas muito profundas né, mais aa gente sente qualquer coisa tanto do bem quanto do mal né, a gente sente porque a gente teve essa experiência muito profunda aqui, só que a gente trata com muito respeito né, e com muito cuidado também porque tem as pessoas já que são separadas né, pra que recebem né tais autoridades e faz parte tipo de uma unidade e essa unidade é como se um tivesse pegando na mão do outro né, pra qualquer situação, hoje ali né minha sobrinha machucou assim o dedo dela na porta e aí ela sentiu muita dor, aí ela falou assim, espera aí, tá doendo aqui Methiê, aí eu falei tô sentindo um sinal aqui, pra que eu possa colocar a mão e parar essa dor e aí quando eu sinto esse sinal minha mão queima né, que a gente chama de cura, que o papai tava falando hoje que eu sou médica né, então

assim, quando alguém fala que acredita que vai acontecer, que ela tem dentro dela e tem dentro de mim já e tem dentro dela então acontece ali tipo uma, difunde a fé né, que a gente fala, que a gente ainda não encontrou uma palavra ainda, quando a gente encontrar na língua né, quando a gente tiver revelação de a gente vai trazer nessa forma mais ainda nós tamo num processo.

Methiê Mura, Curandeira da aldeia Mura



Pintura Mura

É muito importante para mim poder mim expressar aqui porque as vezes a gente tem tanto e fica sufocado né dentro de si mesmo não tem com quem falar porque não tem quem acredite em nós, não tem quem possa falar por nós e pra fora né, então assim é importante isso para nós e eu quero agradecer a senhora professora por tá empenhada nessa luta hoje aqui conosco né e eu creio que a senhora vai vir mais vezes aqui, nos ajudar né a reconstruir a organizar todas essas ideias que são muitas, é do deitar ao dormir é todo esse processo que dizer que é longo, mas nós acreditamos muito que nós vamos vencer e nós nos empenhamos mais hoje porque nós acreditamos que nós vamos chegar lá”.

Elizea Mura



Retirada ilegal de cascalho da terra Mura



Retirada ilegal de madeira nobre na terra Mura

Nós temos conquistas né e lutas, então mais nós temos buscado a separar as pessoas pra tais funções né, aquelas que tem as próprias características dela que é pra ocupar aquela função né então assim isso eu creio que futuramente vai facilitar muito né a nossa é a nossa forma de conquistar as lutas né e formular a nossa política né interna, nossa política interna né respeitando é claro os valores né e os princípios né que nós viemos adquirido né através desse contato que

nós temos recebidos né com base na realidade né porque é nós não estamos ficando louco né, nós só estamos querendo viver aquilo que nos foi entregue né e com muito amor e também nós temos aprendido a amar uns aos outros aqui porque a gente não sabia o quê que era o amor a gente até tinha mais estava escondidinho lá dentro né e com essa experiência assim nós temos começado a se doar mais para o nosso parente”.

Nilce Mura

4. Situação de Conflito e Invasão de Território.

É desde 2000 pra cá a gente foi alvo de muitas ameaças e alguns conflitos não diretamente, mas indiretamente, chegou alguns que até nos atingiu diretamente quando equipes da FUNAI chegaram na aldeia e foi invadida aldeia por fazendeiros, pessoas que vieram, caminhoneiros tentar intimidar, impedir a reunião que ia acontecer, e desde ai nós vem passando algum tipo de dificuldade né, quando nós decidimos agora a partir de 2015 retornarmos e reiniciarmos esse processo que nunca parou mas que ficou um pouco deixado de lado principalmente por falta de apoio legítimo da FUNAI, alguém que é para brigar junto conosco, e foi indo e foi ficando um pouco de lado e nós fomos enfraquecendo, mas depois que nós decidimos reativarmos e partimos com toda nossa força pra conquista do nosso direito, pra busca de garantia do nosso território, essa semana nos tem enfrentado mais conflitos e ameaças né, pessoas ameaçam né, falam que vão invadir a aldeia, que vão fazer mal que não somos uma quantidade muito de povos Muras mas eles acham que nós somos insuficiente para uma briga externa mas nós não estamos procurando brigar com ninguém, estamos procurando garantir o nosso direito junto ao Governo Federal porque não é um problema mais pro povo Mura, mas é um problema das instituições responsáveis que sabem que o território é indígena e que até sai os limites da terra não se pode assentar ninguém e então nos tem enfrentado essas ameaças né, por partes indiretamente de terceiros e recentemente agravou a situação nós tivemos perseguições também religiosa pela nossa forma cultural de cultuar nosso Deus e quando chegou ao ponto de até polícia invadir a aldeia desrespeitando

nossas crenças, nossos costumes, desrespeitando as crianças, mulheres no qual foi conduzido para a cidade até a delegacia num processo muito é, suspeito por nós porque ninguém foi, prestou depoimento a não ser as crianças, com umas acusações absurdas e sem legitimidade que só trouxe constrangimento e humilhação para o nosso povo e nós entendemos né que quando assim um povo é desprovido, é um povo é pequeno e que aparentemente não tem força né, as pessoas se aproveitam no caso dessa perseguição e acusação foi feita a partir que chegou em nosso conhecimento denúncias feitas por religiosos que tentaram que é, pressionar e parar nossa forma de culto, cultural, cultuar o nosso Deus, Anamantuiki, nossa fé, e que nós informamos isso a FUNAI que gerou um processo no ministério público né, então essas perseguições tem sido ao nosso povo e sempre a gente ver né, boatos, as pessoas falando né, as pessoas nos apontarem, nos discriminarem porque nós decidimos lutar pelos nossos direitos, decidimos reafirmar nossa identidade, decidimos retomar nossa forma cultural de culto né, antes né esquecida, antes perdida e agora resgatada e restituída novamente, a nossa língua né, a nossa cultura, tudo isso tem caudado impactos né, porque não sabemos a razão, mas entendemos que deve ter motivação né, na questão da terra, o interesse por grileiros, madeireiros que tem interesse nessa terra que tem muita madeira, e nós vemos essa motivação somente dessa forma, nós não temos conhecimento de outra forma.



Retirada ilegal de Madeira

O conflito da estrada, ela tem trago muito impacto pra nós, porque era pra melhorar, mas não melhora, traz o avanço de novos invasores né, e as próprias empresas que trabalham na região elas agem ilegalmente, porque agem sem licença, que

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

por exemplo, essa estrada clandestina que tem ali, foi feita por pessoas que tentando invadir o território loteando parte do campo né, que hoje faz parte da floresta nacional, do Parque Nacional Mapinguari né, que fica logo atrás de nós, um pouco mais de quatro km, atrás da aldeia e essa estrada tem favorecido a entrada de pessoas que tão marcando lote né, e empresa de cascalho, empresa que faz a pavimentação da estrada que faz o conserto né, a reparação, destruiu o igarapé atrás da aldeia que pra nós, nós consideramos sagrado, um igarapé de águas cristalinas que nós é, vemos ele como algo muito importante na nossa espiritualidade porque a gente sente muito a destruição de um rio que tem vida né, e recentemente nós fomos lá e vimos tudo destruído, na beira do rio, uma área bem grande, tirado a pedra, o cascalho, o igarapé uma parte seca já e outra com a água muito suja, então tudo isso traz impacto desrespeito à natureza, desrespeito à nós, povos indígenas, nossos costumes, do povo Mura, residente aqui na região, e as invasões de madeireiros como nós recentemente fomos lá e vimos madeiras sendo serradas, toras de madeiras né, tudo tirado sem licença, que apesar mesmo do nosso território não ser demarcado ainda, mas é essa área está dentro de um uma área de amortecimento né, próximo da reserva do Parque Mapinguari, e de forma nenhuma seria ligar ou tirar cascalho destruir o igarapé né, nossas proximidades de Parque Nacional e mesmo dentro da reserva também indígena mesmo não sendo demarcada mais é território Mura e então a gente entende que é ilegal essa extração de cascalho e favorecer também a entrada de pessoas tentando lotear e no furto da castanha também dos castanhais e em algumas épocas nós vamos tirar castanha e já tem sido tirada por outras pessoas que a gente não sabe quem que invade né, os castanhais nossos, nosso único modo de sobrevivência né, a fonte de renda na aldeia e tem trago esses impactos bem grande assim, essas estradas clandestinas.



Luta pela demarcação da terra indígena

5. Demarcação da Terra Mura do Rio Itaparanã.

Bom, é nós já estamos lutando ao longo de dezesseis anos né, iniciou a partir do ano de 2000 né, com o primeiro contato nosso até então com a FUNAI, nós só tínhamos ouvido falar já na FUNAI, mas nunca tínhamos tido contato algum com alguém da FUNAI, e a partir de 2000 a gente iniciou né essa luta nos identificamos como indígenas e nos reconhecemos como povo Mura, é isso é ao longo de vários anos atrás nossos ancestrais meu bisavô e meu avô, meu pai até chegar a nós, e não tínhamos conhecimento algum de como funcionava a política indígena e nem os direitos originais indígenas vivemos como ribeirinhos mesmo na beira do rio, na beira da estrada sem ter conhecimento de nada, então a partir de 2000 a gente começou um processo de busca pelos nossos direitos, logo quando chegamos na FUNAI e até alcançamos o reconhecimento até então como aldeia e povo indígena, e ser reconhecidos também pelos próprios parentes de outras etnias né, e nós vamos lutando aí ao longo dos anos dezesseis anos e não tem sido fácil a falta de apoio e a falta de conhecimento esses anos pela nossa parte dificultou muito né o avanço na questão de melhoria da qualidade de vida do nosso povo e da demarcação de nosso território tradicional, então é, foi muitos documentos, muitas reuniões e pouco progresso né e o nosso povo chegou um tempo que começou dispersar da aldeia muitos foram para a cidade em busca de melhorias né, de qualidade de vida, de conseguir apoio fora, alguns estudando na capital Manaus, outros estudando na cidade, em Humaitá mesmo, afim de buscar mais melhorias e conhecimentos até mesmo na luta pela causa, pela nossa causa, nós fomos os primeiros a chegar aqui nessa estrada, meu avô quando entrou no rio ele gastou aproximadamente em semanas para chegar até o alto em um percurso que hoje a gente faz em menos de uma hora ele gastou seis dias né rompendo pau do igarapé pra chegar, meu pai sempre contou isso pra gente, e para chegar aqui onde passa a estrada e passar pra trabalhar pra cima do rio, não havia estrada naquele ano e após novamente quando entrou aqui já tinha o picadão da estrada né e sempre foi aí a renda dos meus ancestrais e da minha família, no extrativismo, na castanha, né, sova também

meu avô, meu pai trabalhou com sova era o que eles conheciam como meio de sobrevivência, após o contato e o peixe, a caça, a farinha né, tudo da Natureza mesmo e ao passar dos anos chegou a estrada, meu pai morava aqui em baixo no rio a menos de uma hora e meia aproximadamente de rabetá, né que hoje é um castanhal nosso localidade que a gente chama de Manguarí lá, tem um igarapé chamado Manguarí, que o sonho do meu pai era morar nessa região aqui não sabia que tinha uma estrada aqui, as dificuldades com doenças endêmicas que tinha na região na época como malária e outras é fez com que migrasse para a beira da estrada lembro uma vez que minha irmã quase morreu lá no Manguarí, de malária, quando nós viemos pra cá em busca de socorro, não tínhamos muito conhecimento de tratamento de doenças desse tipo, então nesses longos anos foi chegando algumas pessoas ao longo desses anos todo e de um tempo pra cá começou a chegar mais gente na região e tentando ocupar espaço, mas somente nos anos de 2006 mais ou menos pra cá que começou a chegar mais pessoas para habitar na beira da estrada e nós sempre que falamos que qualquer um que nos procurasse que esse território é território tradicional dos Muras e um dia vai ser demarcado, então que não era pra entrar terra, que nós tava avisando que ia ser demarcada a terra indígena, mas alguns não dão muita importância e continua invadindo território tira madeiras, pesca predatória, derrubada ilegais e retirada de cascalho por empresas, invasões dos campos inativos e outras coisas mais que esse povo que não é da região traz, que traz impacto pro nosso habitat natural, hoje nós temos dificuldades no rio de pescar, nós sofre com a falta da caça em abundância por causa da invasão de pessoas, pesca profissional e caçadores que caçam para comercialização.

A questão da FUNAI né, que recentemente nós recebemos um documento né, de Brasília que falava que um grupo pra fazer identificação da terra pra posterior tração do GT de trabalho da demarcação de nosso território estava vindo no mês de Outubro pra cá pra região, mas recentemente nós fomos comunicados verbalmente que teriam sido cortado algumas verbas e não tinha recurso para fazer esse trabalho, e isso, essa luta já vem há muitos anos, essa promessa desse estudo dessa identificação da criação GT da nossa terra né, sempre tem sido né, freado de alguma forma

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

né, e interessante é que nós sempre quando vai ter algo na nossa aldeia, as pessoas que não são muitas vezes não são indígenas que são contra a demarcação de nossas terras sabem até primeiro do que nós e de alguma forma elas trazem interferência na demarcação de nossas terras e isso aí pra nós é inaceitável porque pra nós entendemos que isso é falta de ética de algum profissional que não deveria falar de certos assuntos né, principalmente de demarcação de terá numa área de conflito igual é a nossa que tem outros interesses pela terra e essas pessoas que tem interesse na terra e de querer tomar nosso território e isso daí é um ponto que eu queria abordar muito, nós necessitamos que a FUNAI, ela aja com mais responsabilidade né, e realmente né, libere esse recurso para que nossa terra seja é identificada e reconhecida e posteriormente demarcada para que nós possamos ter segurança e garantia né, de cuidarmos da terra né e preservarmos a natureza, respeitando os animais, as plantas né, os rios e igarapés, pra que possamos viver em perfeita harmonia.

6. Impacto das Mortes em Terras Tenharin.



Pintura Mura

Por uma parte teve uma influência também né, porque quando aconteceu esse processo é foi muito ruim e perigoso pra nós também né, nessa época eu era ainda assim, o coordenador da organização do Povo Indígena do Alto Madeira, da OPIAM, e eu fui ali muito visado por está a frente de uma organização, representatividade regional e o meu povo também por está na cidade de conhecimento né que éramos Mura e residíamos na cidade, uma grande parte nossa né, e então ali fomos alvo de brincadeiras maldosas né, de afronta e intimidações e também nós se sentimos muito ameaçados no início do conflito a gente e abrigou uns dias próximo à aldeia Tucumã, do povo Apurinã, na estrada de Manaus ali, e depois nós voltamos pra cá né, alguns voltamos e ainda não conseguimos nos estruturar aqui mais, ai

trouxe um pensamento diferente né, que não podíamos tá no mesmo ambiente né, onde pessoas agiam de forma tão discriminatória e uma perseguição assim tão forte tão pública contra os povos indígenas né, da região daqui do Madeira, teve uma motivação mais não foi uma motivação maior.

A partir desse conflito de 2013, a gente começou a enxergar mais claras algumas situações né, e de 2013 pra cá, ao ano de 2015, nós observamos muito a dificuldade em nós é se mantermos na cidade, a questão da educação de nossos filhos nas escolas a diferença né, e nos costumes e isso estava trazendo um impacto muito grande né, nós não sentimos mais seguros e nossos filhos continuarem estudando em um ambiente que para nós não oferecia segurança e nem uma educação de qualidade né, vemos muito é drogas, prostituição na escola, prostituição infantil e muitas outras coisas ilícitas, palavreados, é uma cultura diferente e nossos filhos sendo arrastados dessa forma e então com o tempo nós começamos a observar que não estava funcionando da forma que nós entendemos está correta, né longe da natureza, longe de nossa espiritualidade como nós chamamos nosso Deus que é Anamantuiki, e isso estava trazendo um impacto muito grande, nos distanciando muito mais ainda né da nossa espiritualidade e do convívio harmônico com a natureza e ao invés de nós estarmos construindo, nós estávamos enfraquecendo na luta pelo nosso direito, e isso foi uma das maiores motivação de nós continuarmos é na luta e reafirmarmos nossa identidade nos reorganizarmos para lutarmos realmente pelo que nos entendemos né que é a forma correta de lutar pelos nossos direitos, que é unidade, uma só voz, todos unidos com um só pensamento né, de melhoria da qualidade de vida de uma vida espiritual saudável, de uma vida social saudável né, organizada para contribuir não só com o povo Mura, mas com mais parente de região né, e tem funcionado para nós esse modelo de unidade de reorganização né social e espiritual e unidade com um só pensamento.

Reivindicações do Povo Mura do Rio Itaparanã.

1. MELHORIA NA SAUDE.
2. APOIO A ESCOLA DE EDUCACAO INDIGENA
3. DEMARCAÇÃO DAS TERRAS MURA.
4. POLITICAS PÚBLICAS E MAIOR APOIO DO GOVERNO.
5. MOVIMENTO INDÍGENA

Cada um de nós quer a garantia de uma terra, a demarcação de nosso território que é o primeiro desafio que nós vamos, que é o marco inicial para nossa melhoria de qualidade de vida do nosso povo. E o segundo é o saneamento, construção de infraestrutura na aldeia, o saneamento básico que hoje a água ela não tem uma qualidade boa, do igarapé e os poços do Amazonas que são cavados é na aldeia, eles secam, secam e a terra é, sai com areia e desbarranca e aterra o poço, então a gente, na maioria, na grande parte do ano a gente tem que coletar a água no igarapé, e hoje com esses campos que cortam até a Br 319 que passa por Porto Velho eles são alvo de plantio de algumas regiões, a cabeceira do rio elas ficam nas proximidades da estrada 319 que vai a Porto Velho onde tem fazendas plantios de agriculturas, então nós entendemos que a água quando chega pra nós ela não chega mais saudável e traz muita diarreia nas crianças até mesmo em adultos né, e no período muito grande então o saneamento básico, na construção de um poço tubular, de infraestrutura de banheiro de qualidade na aldeia para que possamos melhorar né, a nossa qualidade de vida, termos acesso a esses benefícios que hoje mesmo ao nosso redor está cheio de esgoto, de escoação de fazendas, venenos,

O POVO MURA DO RIO ITAPARANÃ:

Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras

fezes de animais e tudo quanto é outras coisas jogadas no rio, no igarapé né, e a água nossa não é de qualidade, o segundo é ponto é a educação né, hoje nós temos uma pequena escola na aldeia e que tem até o quinto ano do ensino fundamental, nós temos alunos né que estão sem estudar, devido o prosseguimento do estudo e nós não temos mais a confiança depois da perseguição que aconteceu né, depois daquele que aconteceu com os parentes Tenharin lá no madeira e depois nós mesmo sofremos na pele né, essa perseguição, e lá as pessoas apontando, as pessoas hoje são muito ante indígenas na cidade e nós não temos mais confiança em deixar nossos filhos estudar na cidade e não temos como mandar para outras cidades né, então nós entendemos que é necessário que ele aprenda na aldeia né, e tenha o acesso à qualidade por nossos costumes né, respeitando nossas culturas, nossas crenças, nossos valores e é essencial termos o seguimento do ensino fundamental e até mesmo o ensino médio na escola, a implantação desses, da continuação do ensino fundamental e a implantação do ensino médio, nós entendemos que esse é um passo que nós precisamos ser conquistado já urgentemente e o terceiro é a saúde né, a infraestrutura com o posto de saúde, para nós adequarmos na nossa medicina tradicional também né, tradicional a partir de remédios naturais, da natureza, chá né e outros mais que nós entendemos que é essencial para nossa sobrevivência e melhoria de qualidade de vida né, e até mesmo apoio né, pra equipe de saúde quando vem como a questão do posto de saúde, na aldeia né, contratação de profissionais para atuar na aldeia como o AS, que é o agente indígena de saúde, e o do saneamento básico necessário pra que se tenha prosseguimento na educação e saúde dentro da aldeia né, e melhoria na qualidade de vida do nosso povo, melhoria da qualidade de vida né”.

Joabe Mura



Croqui produzido pelos participantes da Oficina de Mapas



CONTATOS MURA

Joabi Mura

(97) 98112-8057

Rayane Mura

(97) 98402-4616



REALIZAÇÃO:

Povo Mura do Rio Itapranã

APOIO:

Projeto Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências.

Laboratório Nova Cartografia social de Humaitá

NEABI- Núcleo de estudos indígenas e Afro-brasileiros

NEABI-Humaitá

1. Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós - Comunidade Pimental - Trairão e Itaituba • PA
2. La Marina - Barrio, Identidad, Religión y Tradición • Cuba
3. Iroko, El Espíritu de lo Sagrado - Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana • Cuba
4. Cartografia Social de Trindade - A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade - Paraty • RJ
5. Comunidades Quilombolas do Jalapão - Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação • TO
6. Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas • MG
7. Entre a Aldeia e a Cidade: O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré-AM.
8. Ribeirinhos da Ilha do Capim frente aos grandes empreendimentos no Baixo Tocantins
- 9. O Povo Mura do Rio Itaparanã: Situações de Conflito, Resistências e Luta pela Demarcação de suas Terras**

